



Lizandra Garcia Lupi Vergara



Arquiteta e Urbanista com Mestrado (2001) e Doutorado (2005) em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de Ergonomia. Professora Associada na Graduação (DEPS) e Pós-graduação (PPGEP) da Engenharia de Produção, e na Pós-Graduação em Arquitetura (PosARQ) da UFSC. Professora em cursos de Pós-Graduação em Engenharia de Segurança do Trabalho e Arquitetura de Interiores. Atua como Editora Chefe da Revista Iberoamericana de Engenharia Industrial - IJIE (Iberoamerican Journal of Industrial Engineering).

É líder do grupo de pesquisa GMETTA - Grupo Multidisciplinar de Ergonomia do Trabalho e Tecnologias Aplicadas (UFSC-CNPq), e membro efetivo da Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO). Desenvolve pesquisas nas áreas: Ergonomia, Saúde e Segurança Ocupacional, Produtos com Inovação Tecnológica, Usabilidade, Arquitetura, Acessibilidade e Tecnologias Assistivas.

Por que escolheu dar aula na engenharia?

Eu sou arquiteta, mas o que me trouxe para a Engenharia de Produção foi a área da Ergonomia, que foi a área de especialização da minha pós. Me enquadrei bem na engenharia pois sempre gostei de cálculo e até pensei em fazer Engenharia Civil quando estava no ensino médio, e com a ergonomia consegui conciliar o lado de humanas com o de exatas.

O que mais te encanta na Engenharia de Produção?

Assim como na arquitetura, o que mais me encanta são as possibilidades de atuação. Temos a parte de gestão e a parte técnica, isso torna o curso bem completo, e o diferencia das demais engenharias. Eu também sou coordenadora de estágios, e recebo muitos elogios e feedbacks positivos, principalmente do exterior. O formando pode trabalhar tanto no chão de fábrica quanto em escritório.

E por que escolheu ser professora?

Sempre gostei de educar, desde criança ensinando minhas amigas. No ensino médio também. Na faculdade fui monitora de computação gráfica. Outro fator foi que cansei do mercado, como arquiteta trabalhei em escritório, entrei recém-formada no escritório de uma amiga para implementar a computação gráfica nos projetos, e acabei me tornando sócia. Meses depois criei o meu próprio escritório onde trabalhei por 2 anos, mas senti a sede de aprender mais e evoluir, então procurei o mestrado. Após o mestrado comecei a lecionar ergonomia para o curso de Design.

Para você, o que é mais gratificante na sua profissão?

Eu adoro sala de aula. Posso estar muito cansada, com várias preocupações, mas, quando eu chego na sala de aula, me animo. Eu gosto muito dessa interação com os jovens, principalmente quando vejo retorno. Por exemplo, recentemente recebi o e-mail de uma editora para fazer parte de um livro, um artigo que orientei há algum tempo com dois ex-membros do PET Engenharia de Produção, que atualmente trabalham na WEG. Isso é muito gratificante para um professor.

E quais as dificuldades que enfrenta no dia-dia?

Nunca tive problema em sala de aula, dificilmente tem momentos em que eu tenho que pedir para os alunos desligarem os notebooks ou guardarem os celulares. Sou bastante “camarada”, e há bastante respeito, nunca precisei ser autoritária ou levantar o tom de voz para ter o respeito do aluno.

Qual conselho você daria para quem planeja seguir essa carreira?

Tem que gostar de ensinar, gostar de interagir com os alunos, além de gostar da área que você deseja lecionar. É importante ter a didática, tem vários professores competentes nas suas áreas, mas que não sabem repassar para o aluno. O professor deve saber receber feedbacks dos alunos para buscar sempre evoluir. E também se adequar às tecnologias na educação que estão em constante evolução.

Como é sua relação com seus alunos?

Não costumo ter problema, sou uma pessoa bem aberta, e nunca fui de me colocar superior a ninguém. O respeito é muito importante e prezo muito por isso.

Como enxerga a educação no país hoje? O que poderia ser diferente?

Lá fora, temos países trazendo um novo modelo, antigamente não tínhamos computadores e isso muda a forma de ensinar. Um modelo mais voltado aos jovens. Com a globalização temos acesso a qualquer informação com muita facilidade. Agora, o que atrai os alunos não são as mesmas coisas que antes, e a forma de ensinar deve ser moldada constantemente a essa nova realidade. No Brasil, essas mudanças demoram, ainda seguimos um modelo muito tradicional. Mas uma coisa que não deve mudar é a interação do professor com o aluno. Eu vejo como exemplo o meu filho, a forma de aprender dele é diferente da que eu aprendi, é difícil ele sentar um horário só para estudar.

Qual a sua opinião sobre o curso mudar para Produção Plena?

Eu tenho minhas dúvidas se vai ser o melhor, pois em time que está ganhando não se mexe. Eu vejo um problema pra quem quer fazer concurso e não sai como engenheiro de produção de fato. Essa parte burocrática é que é o problema, e não a qualidade do curso. Ao mesmo tempo, vejo que precisamos mudar, estive no ENEGEP e percebi que temos muito o que evoluir ainda. Em minha opinião, tem que mudar, isso é fato.



CONHEÇA SEU PROFESSOR

Como está para o Engenheiro de Produção da UFSC conseguir um estágio no exterior?

Bastante fácil, sai bastante alunos, tem bastante demanda, e vários alunos são efetivados na França e Alemanha. No geral nossos alunos são bastante elogiados.

O que você espera de um aluno seu em sala de aula?

O aluno deve ter postura e estar ligado na aula. Caso não tenha condições de estar presente, seja por estar com sono ou ter um trabalho para concluir, então é melhor que não vá.

Como foi sua experiência na faculdade? Que tipo de aluno você costumava ser?

Eu não saía muito, sempre fui uma aluna mais “centradinha”, eu não bebo nada de álcool, estava no meio da arquitetura com pessoas de todos os tipos, eu me dava bem com todo mundo, e todo mundo me respeitava. Eu sempre namorei, e minha vida social girava mais em torno disso. E como arquitetura demandava muito tempo, então minha vida universitária pode-se resumir a isso. No geral sempre fui muito estudiosa e me dedicava muito nas aulas.

Algo de que se orgulha?

Minha família. Sou muito “mãezona”, tenho três filhos e me orgulho muito deles. Profissionalmente também, eu fui aluna daqui da UFSC de mestrado e doutorado, virei colega da minha orientadora, e você chegar a esse patamar é muito bacana. Me orgulho muito de chegar onde eu cheguei.

Como é você fora da universidade?

Eu sou muito mãe, por exemplo, à noite vou ver a apresentação de balé, em que minha filha participa. Meu filho toca flauta transversal no IFSC e vai se apresentar em uma orquestra nesta semana. Também trabalho muito, meus alunos falaram que já me testaram, ao responder os alunos que oriento de madrugada. Por me dedicar muito aos filhos acabo sentando para trabalhar tarde da noite.

Hobby?

Atualmente, eu gosto de dançar, cantar. Mas meu hobby maior hoje é estar com meus filhos e fazer atividades em família, as atividades que eu mais me divirto são com eles. Por exemplo, fazer oficinas de desenho, maquetes, brincadeiras. Minha filha que toca violão e violino quer ser youtuber, acabo também ajudando ela a gravar e editar os vídeos.

Filme e livro favorito?

“Homens e Máquinas” de Kim Vicente é um livro que gosto muito e está bem voltado para a nossa área, fala sobre o chão de fábrica e exemplos práticos. Um filme que me tocou muito é “Uma Mente Brilhante”, pois me identifiquei muito fazendo uma analogia com a carga mental exigida por um professor.

Um ídolo?

Meu pai. Pela trajetória dele e de chegar onde chegou com as condições que ele tinha antigamente. Como ele se tornou médico, não enfrentei muitas dificuldades financeiras. São pessoas que a gente deve valorizar.

Uma frase que você gosta?

“Quem procura sempre alcança”.